

DISCURSO DO PROFESSOR PAULO FREIRE, EM ANGICOS,
AO ENCERRAMENTO DO CURSO DE ALFABETIZA-
ÇÃO DE A D U L T O S

Senhor Presidente, Senhores Governadores. É com muita satisfação e também com humildade, sobretudo humildade, que dirigimos nossas palavras, tentando numa síntese, fundamentar o Sistema de educação em que está contido o método ecletico, com que estamos conseguindo, quase resultados mágicos, mas que, na verdade, não são mágicos, porque fundamentados em princípios de ordem científica, filosófica.

Esta satisfação sobretudo resulta de que este trabalho feito em Angicos, feito em Natal, feito em João Pessoa, feito no Recife, é um trabalho que traz a este sertão do Rio Grande do Norte, a Universidade do Recife. A Universidade do Recife, consciente da sua tarefa a cumprir, renuncia ao saber exotérico e alienado que caracteriza ainda as Universidades brasileiras e volta-se para o povo que é a fonte realmente, onde temos que beber a autenticidade da nossa sabedoria universitária. Já não é possível neste país, fazermos educação tímida, educação de "deixa como está para ver como fica", porque temos um povo que existe hoje, Senhor Presidente, Um povo que decide, um povo que se levantou, um povo que começa a tomar a consciência de seu destino e começa a interferir no processo histórico brasileiro irreversivelmente. É a educação que se há de dar a este país, há de ser uma educação de coragem, uma educação que ajude este povo que emergiu, a inserir-se no seu processo, o que vale dizer, uma educação que conscientize o povo brasileiro, para que ele faça realmente com os homens públicos, as reformas inadiáveis de que este país precisa. Esta então é uma contribuição que a Universidade do Recife traz ao país, com a consciência da humildade que ela deve ter nos seus trabalhos. Traz ao país para que outros educadores, partindo do ponto a que chegamos tragam as suas contribuições.

Em linhas gerais este sistema se fundamenta em alguns poucos postulados. Um deles está exatamente em que todos nós sabemos, que normalmente o homem se põe diante de sua realidade externa, respondendo aos desafios desta realidade externa e quando ele trava com ela uma relação de sujeito para objeto, ele faz uma relação de conhecimento. Esta relação tanto faz um pro-

fessor universitário, como faz um homem analfabeto. A diferença é que o professor universitário apanharia "via crítica" o objeto do conhecimento e o homem analfabeto seria impressionado sensivelmente e daí a compreensão que este homem haverá de ter da sua realidade externa, é uma compreensão predominantemente mágica e predominantemente emocional. O que importa então na educação, é propiciar a este homem uma via crítica de saber, através de que ele transforme um saber puramente opinativo e existencial num saber reflexivo e isto ele faz rapidamente, desde que nós tenhamos um método ativo de educação, que o leve a organizar o seu pensamento e o fazer crítico, portanto, a poder decidir e a seguir a poder optar. Um outro dado é exatamente o da relação que há de existir entre educação e cultura, uma relação que é dialética, - realmente.

Ao mesmo tempo em que a educação responde ao desafio do contexto, ela também interfere no contexto e não há educação que seja instrumental, que seja eficiente, se esta educação não trava esta relação. Por isto mesmo é que no método de alfabetização, tendo que conseguirmos as palavras chamadas geradoras, a partir de que poderíamos deflagrar o processo de combinações fonêmicas, com que fariamos o aprendizado da leitura e da escrita, nós partimos de um levantamento do universo vocabular do grupo e da área que vai alfabetizar-se. Escolhemos, então os elementos básicos que devem ser postos como palavras geradoras e criamos situações sociológicas típicas, da área que vai ser alfabetizada, e daí em diante começamos o trabalho que é sobretudo ativo e em que o homem é chamado ao diálogo e à análise das situações postas diante deles, como situações desafiadoras. O primeiro debate que nós deveríamos travar com o grupo de homens analfabetos, para que motivássemos este grupo a ter uma apetência maior, sobretudo e de áreas rurais, haveria de ser com debate, depois do qual se pudesse situar o homem criticamente na sua realidade contextual e depois de que se pudesse superar um certo pessimismo, uma certa descrença, um certo fatalismo do homem analfabeto, que é um homem fora do seu tempo e só assim pudessemos inseri-lo, incorpora-lo ao seu tempo, fazendo-o sujeito do seu tempo e não objeto deste tempo. O primeiro debate então seria e será e vem sendo e continuará a ser um debate em que podemos dar o conceito antropológico de cultura a um homem analfabeto. E desta forma - nós já começamos a pôr abaixo certas afirmações de certos tabús de uma Universidade descrente do povo, que se põe numa torre de marfim e que desenvolve uma sabedoria exotérica que já não tem sentido num país como este. Eu vou projetar apenas um "slide" -

INSTITUTO PAULO FREIRE
 Rua Cerro Corá, 550 2.º andar cj. 22
 Tel: (11) 3021-5536 Fax: (11) 3021-5589
 05011-000 - São Paulo - SP - Brasil
 E-mail: ipf@paulofreire.org

porque o tempo não permite dar sentido e mostrar a V. Excia. e aos presentes, aqui nós temos um slide representando o homem típico de Angicos, com a sua cara de sertanejo, e em torno do homem uma série de seres ou de objetos ligados a êle por uma seta. A intenção nossa com uma projeção desta não é propriamente a de fazermos uma descrição do que aqui está, mas desafiarmos os grupos que estão conosco, em torno desta situação, que é uma situação que pode ser muito bem apreendida e provocar um debate através do qual nós vamos arrancando quase socraticamente o que êste grupo percebe do que está aqui. Então numa primeira etapa, a reação é sempre descritiva e não há mal nenhum e é até bom, porque a primeira fase assim de uma tentativa de organização de pensamento seria exatamente delimitar uma situação dada, descreve-la, defini-la, buscar as explicações que há nela. Isto o adulto faz dizendo que vê o homem, e eu insisto... (temos aqui um pequeno trecho que não foi captado pelo gravador) ...

A intenção nossa quando formulamos essa primeira situação era exatamente levar pelo debate o grupo a perceber que o homem é na verdade um ser de relações, é um ser que trava relações com a sua realidade exterior, que existe mesmo e diante da qual êle está, mas sobretudo com a qual êle está, esta proposição com eu faço questão de enfatizar, sugere exatamente êste traço que há e que o homem tem, que todos temos com a realidade exterior que existe e de que resulta um acrescentamento que o homem faz ao mundo da natureza ou a esta realidade exterior que está diante dêle e êle não vê. Será exatamente êste outro mundo que o homem faz, a partir das relações que êle trava com a realidade exterior, que vai constituir o domínio da cultura, não há dúvida nenhuma. Por outro lado estas setas sugeririam também o que numa linguagem um tanto acadêmica eu diria a auto-consciência e a consciência disto. Pois bem meus senhores, perguntando-se de modo geral ao grupo de analfabetos o que significam estas setas êles têm respondido sistematicamente que estas setas significam o juízo ou a ciência do homem e eu desafiaria a qualquer filósofo, que me provasse que com esta formulação de ciência e juízo do homem, o homem comum não estaria dando a nós uma tradução da nossa formulação acadêmica consciente, auto-consciente, inconsciente, etc. Na verdade é isto mesmo. O que falta apenas é o homem comum perceber depois que isto é na verdade o conhecimento próprio que o homem tem depois do conhecimento que o homem tem com o mundo que está em torno dêle. E a partir destas análises das relações que o homem trava com a realidade exterior, nós levamos então o homem a descobrir que nesta realidade exterior há "n" coisas que êle não fez e há "n" coisas que êle fez e os seus

antepassados fizeram e êle vem refazendo e reconstituindo e aí insistimos já no papel criador do homem, no papel recriador do homem, na possibilidade de interferencia, neste contexto que êle fez, mas que êle altera através da tecnologia, através da ciência, através da sua capacidade de criar. Depois que se debate isto, êles descrevem aqui com muita facilidade porque está muito óbvio que aqui o homem fez a casa e a cacimba. Não fez a árvore, não fez o homem, não fez o pássaro, não fez o porco. A partir daí então começamos a definir os dois mundos; o mundo da natureza e o mundo da cultura e o homem então se integra, a pouco e pouco nos debates, como um ser realmente capaz de criar. Por isso é que aqui em Angicos, como em Recife também, como em João Pessoa, temos ouvido afirmações como esta que eu vou dar daqui, de um homem de Angicos. Ao debater o slide sobre conceito de cultura, êle afirmou: "Faço sapato e tenho o mesmo valor do doutor que faz livros". E é mesmo não há dúvida nenhuma de que é. O homem sente-se então capaz, um ser que participa do seu processo. Podemos através da educação apanhá-lo num estado que eu chamaria a emersão do povo no processo histórico de que êle estava imerso, até pouco tempo atrás, quando não havia povo no sentido sociológico e nós éramos sobretudo sociedade fechada. O que se está podendo conseguir fazer com uma educação desta é apanhar este povo que está emerso este povo que existe hoje, este povo que faz greve, este povo que dá posse a um Presidente de República, este povo que derruba um governo e põe outro no poder, este povo que é sujeito da sua história. O que nós estamos podendo fazer com uma educação desta, corajosa, uma educação que não é tímida, porque não é possível timidez num país que está em trânsito como está o Brasil hoje. O que esta educação está podendo fazer é apanhar este povo emerso e inserí-lo no processo histórico. Inserir-lo quer dizer propiciar a êle oportunidade em que êle se faça agente da sua história, em que êle se faça sujeito da sua história. Seguem-se outros slides que evidentemente eu não focalizarei aqui porque V. Excia. não vai poder demorar. Eu vou falar só aqui a respeito deste, porque V. Excia. não está aqui para ouvir uma aula sobre conceito de cultura. Projetado este slide, já dizem aqui - o que é uma coisa impressionante para mim - formidável, impressionante é que êles descrevem já o que é natureza e o que é cultura e afirmam com absoluta paz, que aqui a natureza se representa pelo homem, pelo pássaro e pelo resto que o circunda e a cultura se representa no arco e na flecha, e na vestimenta do índio. Em Natal, num dos círculos de cultura, realizado lá pelo prefeito Djalma Maranhão, eu tive oportunidade de vêr um jovem perguntando a um homem qual a diferença entre as penas do índio e as penas do passaro e êle responder: "As penas do pássaro são da natureza; as penas do índio são da cultura;

O índio matou o pássaro, tirou as penas do pássaro, juntou uma com outra, amarrou no cinto, vestiu-se com ela, trabalhou, criou, fez cultura." Isto foi dito, talvez não com a ênfase que eu estou dizendo, mas com uma paz, uma paz de quem já sabe. A intenção nossa, se V. Excia. me permite projetar ainda um outro slide. A intenção nossa após aquele primeiro slide em que o índio aparecia e logo depois este caçador, ambos caçadores, mas agora o que interessava a nós era mostrar já uma diferença que eu chamaria de fisiológica entre os dois caçadores e preparar uma diferença que eu chamaria aqui numa linguagem também acadêmica, de ontológica, entre estes dois e o terceiro que surgirá, que é um gato. Mas, aqui já entra, então - quando eles caracterizam o que é objeto de cultura e falam na espingarda, aqui já se entra no debate da presença da tecnologia. O que se pode fazer? Já se discute, por exemplo, que o homem pode dominar a sua ambiência, que o homem pode dominar esta realidade às vezes agressiva, com a qual ele está e na qual ele está. Já se fala em SUDENE, por exemplo. É preciso interpretar, que o Ministro Celso Furtado me ouça, é preciso que se interprete ao máximo a este país, e a este Nordeste a tarefa de planejamento que a SUDENE vem desenvolvendo neste país e que mesmo que ela apresente os seus pecados, mesmo que ela apresente as suas falhas, só o planejar já sugere uma posição e uma atitude diferente, uma atitude na verdade progressista, de que este país precisa e sem a qual este país feneceria. Mas como este país não vai fenececer nós temos que fazer exatamente planejamentos e aqui através disto nós podemos e temos levado, temos conseguido o debate, até falar numa atitude de planejamento, se discutir um pouco de SUDENE, com relação a isto que aqui está. Houve aqui uma crítica interessante de um dos homens de Angicos, que eu nunca esqueço. Projetada esta situação ele disse que este homem não tinha muita cultura. E perguntou-se porque e ele disse: "eu nunca vi matar porco de espingarda". Foi um defeito, um cochilo do artista, mas aqui eles confirmam o que eles aprenderam já sobre cultura e natureza. Falam no chapéu, na vestimenta do homem, no bernal, na faca, na espingarda, como objetos de cultura, mas sobretudo eles estão absolutamente certos de que a cultura é resultante do seu trabalho, de que todos temos cultura, de que é tão cultura esta espingarda, de que é tão cultura aquele arco; como é cultura um quadro de Portinari, como é cultura algo que Beethoven entouou, como é cultura um poema de Bandeira. Aí a diferença apenas é numa gradação estética da criação, mas o poder criador este existe no homem que fez o tacaque, como existe no artista que fez uma obra de arte. E assim Senhor Presidente, sucessivamente se passa mais uns cinco slides no máximo e com o debate e é preciso que eu afirme bem que neste sistema nós não fazemos discurso, não

fazemos aula, porque inclusive o que nós estamos conseguindo é uma espécie de subversões legítimas. Nós superamos a escola pelo que - nós chamamos círculos de cultura, superamos o professor pelo que - nós chamamos de coordenador de debates, superamos o aluno pelo que nós chamamos de participantes de grupos, superamos a aula pelo diálogo, superamos o programa acadêmico por situações sociológicas desafiadoras que nós pomos diante dos grupos com quem nós provocamos e arrancamos uma sabedoria que existe e que é esta sabedoria opinativa e existencial do povo. Depois que discutimos este conceito antropológico de cultura, então concluímos dizendo ao povo que cultura não é só o que o homem faz espiritualmente ou materialmente, mas cultura também é a soma que fazemos todos nós, sistematicamente de uma experiência humana e aí caímos na democratização da cultura - que é absolutamente inadiável, porque é uma dimensão do processo geral de democratização fundamental em que este país está inserido queiram ou não queiram os donos do mundo. O país está inserido num processo de democratização fundamental de que a cultural, de que a econômica, de que a política, de que a social são dimensões componentes do conceito geral e democratização fundamental. E aí partimos então para o conceito de democratização cultural e dizemos que democratizar a cultura será sobretudo espalhar a todos os brasileiros, os instrumentos com que eles possam fazer isto, com que eles possam adquirir uma sabedoria sistematizada. E a partir então do outro encontro, começaremos então a fase de alfabetização mesma, que parte de uma realidade contextual, que parte de algo que o povo existe. Esta por exemplo é a primeira palavra, a palavra geradora com que nós deflagramos o processo de alfabetização de Angicos, a palavra belota. A palavra belota deve ser uma corruptela de borlota. Não importa a nós educadores se é corruptela ou não é, o que importa é que esta palavra é funcional no universo de Angicos. E belota é enfeite de rede, como é este aqui enfeite de chibata, que eles fabricam. A primeira situação sociológica é típica de Angicos em que um homem, um sertanejo montado no seu jumento passa por dentro de uma das ruas de Angicos. Não se fala com a projeção deste slide. Não se fala em belota, em coisa nenhuma e deixa-se que o povo seguindo a mesma orientação do método, debata o que aqui está e aqui se discute desde tração animal, a motor, depois se discute Nordeste, se discute defasagem Centro-Sul, desproporção entre Centro Sul e Nordeste Brasileiro; se discute planejamento; se discute SUDENE; se discute participação do povo no trabalho d'ele; respeito - que se há de ter a este trabalho criador do povo; justiça a este trabalho; Até que se chega à fixação e à visualização da palavra belota. Visualizada a palavra belota que eles nos debates já citaram várias vezes, porque inclusive ela está aqui, ela é um concei-

to que existe para eles. Passa-se então, para outro slide em que a palavra belota aparece sozinha, depois se decompõe a palavra belota nos seus fonemas básicos, se passa então a falar nas famílias fonêmicas, surgem então as famílias ba, be, bi, bo, bu; la, le, li, lo, lu; ta, te, ti, to, tu. Com isto se vai levar o homem a uma descoberta, altamente importante para uma língua silábica como a língua portuguesa. É a de que o mecanismo de composição das línguas silábicas é o de combinações fonêmicas. E não precisa que nós digamos estes nomes a eles evidentemente. Eles vão descobrir depois que estudam todas as famílias do b - ba, be, bi, bo, bu; do l - la, le, li, lo, lu; do t - ta, te, ti, to, tu; etc, e que nós pomos aqui - então noutra slide, completas. Então eles descobrem, que é juntando um fonema deste com outro fonema que eles vão criando vocábulos dentro da sua língua. Então eles descobrem o que podem fazer. Aqui eles aliás constroem belota na primeira aula, aliás no primeiro debate eles constroem bala, bata, etc., vão construindo "n" vocábulos que eles sabem, porque como dizia o senhor Gilson Amado, quando me entrevistava o mês passado no Rio, não há analfabetismo oral realmente. Parece muito óbvio isto, mas é uma obviedade fundamental. O homem que sabe dizer problema, no dia em que mesmo que não tenha estudado ainda os fonemas complexos, ele descobre que juntando um fonema com outro ele criou a palavra belota, ele que pronunciava problema, escreve problema. E isto nós temos provado aqui. Quer dizer, não é adivinhação, nem nós estamos falando de hipótese, nós estamos fazendo um relatório. Isto existe. Nós estamos conseguindo botar abaixo uma série de tabus metodológicos, uma série deles. E aqui começam um jogo intelectual muito interessante que é o de criarem palavras. Concluindo eu apenas gostaria de citar duas coisas daqui de Angicos. É que quando os homens começam a criar palavras, eles criam às vezes palavras que são apenas vocábulos, mas que não são conceitos; ora são conceitos do seu universo, não são do nosso. Eles chamam a estas palavras que não existem e que eles criaram e depois descobrem que não têm uma existência funcional, eles chamam de palavras mortas e chamam as palavras que existem de palavras de pensamento. No que há aliás uma coisa até certo sentido poético e daí em diante, Senhor Presidente apenas onze situações sociológicas foram necessárias para nós deixarmos estes 300 homens de Angicos, não apenas podendo fazer uma carta a V. Excia., mas sobretudo podendo dizer conscientemente que de hoje em diante estes homens vão votar não nos homens que lhes pegam um voto; vão votar não nos padrinhos, vão votar não nos políticos que somente porque sejam políticos se apoderarem do seu destino; vão votar não somente nos coronéis ou porque coronéis, mas vão votar precisamente medida em que estes candidatos revelem uma possibilidade de realmente e de leal-

mente servir ao povo e servir a ele mesmo.

JOÃO GOULART

Eu considero encerrada a 40ª aula, com as minhas expressivas congratulações ao nosso eminente professor Paulo Freire, depois da sua brilhante aula e a todos os agradecimentos do Presidente da República e os meus parabens por vêr que os conhecimentos do grande mestre e de todos os professores foram transmitidas em grande parte a 300 homens e mulheres que hoje já podem ser considerados e se consideraram de fato alfabetizados. Muito obrigado.